

Relação transgeracional entre meio ambiente e o brincar na infância: percepções de avós quilombolas

Transgenerational relationship between the environment and childhood play: perceptions of quilombola grandparents

Relación transgeneracional entre el medio ambiente y el juego en la infancia: percepciones de los abuelos quilombolas

Naísia Simões de Oliveira
Naislasimoes7@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-0563-0784>

Marimeire Moraes da Conceição

 <https://orcid.org/0000-0002-5370-0209>

Claudia Nery Teixeira Palombo

 <https://orcid.org/0000-0002-0651-9319>

Matheus Teixeira Gonçalves

 <https://orcid.org/0000-0001-5820-7248>

Climene Laura de Camargo

 <https://orcid.org/0000-0002-4880-3916>

Maria Carolina Ortiz Whitaker

 <https://orcid.org/0000-0003-0253-3831>

Revista de Pesquisa Cuidado é
Fundamental Online vol. 18 e-14337
2026

Universidade Federal do Estado do Rio
de Janeiro
Brasil

Recepción: 02 Octubre 2025
Aprobación: 22 Noviembre 2025

Resumen: **Objetivo:** describir las percepciones de los abuelos quilombolas sobre la relación transgeneracional entre el medio ambiente y el juego en la infancia. **Método:** investigación cualitativa, realizada en 2023, en el noreste de Brasil, con 22 abuelos quilombolas. Las entrevistas sometidas a codificación dieron lugar a cinco categorías temáticas en NVivo. Proyecto aprobado por el Comité de Ética. **Resultados:** las categorías revelaron las percepciones sobre los juegos en el pasado: la relación libre con el medio ambiente; Transformaciones ambientales y sociales: impactos en el juego entre generaciones; Riesgos de enfermarse al jugar en un ambiente contaminado; El juego a través de las generaciones: continuidades y rupturas; El juego como instrumento de acercamiento entre generaciones. **Consideraciones finales:** el juego sufre modificaciones por influencias ambientales y sociales. Los hallazgos contribuyen a la comprensión de las interfaces entre la infancia, el entorno y la cultura quilombola, y refuerzan la importancia de los conocimientos tradicionales para la promoción y protección de la infancia. **Palabras clave:** Quilombola, Abuelos, Niño, Juego e implementos de juego, Ambiente.

Abstract: **Objective:** to describe the perceptions of quilombola grandparents on the transgenerational relationship between the environment and childhood play. **Method:** qualitative research conducted in 2023 in northeastern Brazil with 22 quilombolas grandparents. Interviews were coded, resulting in five thematic categories in NVivo. Project approved by the Ethics Committee. **Results:** the categories revealed perceptions about Play in the past: the free relationship with the environment; Environmental and social transformations: impacts on play between

generations; Risks of illness when playing in a polluted environment; Play across generations: continuities and ruptures; Play as a tool for bringing generations together. **Final considerations:** play undergoes changes due to environmental and social influences. The findings contribute to the understanding of the interfaces between childhood, environment, and quilombola culture, and reinforce the importance of traditional knowledge for the promotion and protection of childhood.

Keywords: Quilombola communities, Grandparents, Child, Play and playthings, Environment.

PREVIEW VERSION

INTRODUÇÃO

Comunidades tradicionais são grupos sociais que compartilham modos de vida coletivos, baseados em valores, práticas culturais, espirituais e econômicas enraizadas em seus territórios.¹⁻² Essas comunidades mantêm uma relação simbiótica com a terra que ultrapassa a lógica da posse, sendo compreendida como espaço de memória, ancestralidade e sobrevivência coletiva.^{1,3-4} Exemplos incluem comunidades rurais no Paquistão, povos indígenas na Austrália⁵⁻⁷ e comunidades quilombolas no Brasil.^{4,8}

No contexto brasileiro, as comunidades quilombolas se destacam por suas singularidades históricas e culturais. Para esses grupos, o território é compreendido como base para a identidade e para a memória coletiva que sustenta práticas de resistência cultural e política, preserva modos de vida e mantém viva a memória, herança silenciada ao longo da história.⁹⁻¹⁰

Essa relação com o território também é determinante para a obtenção de alimentos e outros recursos da natureza, mantendo o modo de vida quilombola alinhado a práticas de preservação ambiental.^{2,11} Adicionalmente, o território quilombola assume papel para além do espaço físico, constituindo um pilar histórico de entrelaçamento de relações socio-ambientais.^{4,8}

Essa conexão com a natureza favorece práticas sustentáveis por meio da transmissão de saberes entre gerações,^{2,4,12} onde os avós ocupam papel central por serem detentores de sabedoria ancestral.^{3,13} A presença dos mais velhos fortalece vínculos familiares/comunitários, contribui para a formação da identidade cultural e assegura a continuidade de tradições.^{3,13-14}

Esse modo de vida evidencia a centralidade da relação intergeracional, na qual os avós transmitem ensinamentos não apenas a seus netos consanguíneos, mas também às demais crianças da comunidade. A ancestralidade, assim, configura-se como expressão de cuidado coletivo, relacional e espiritual, onde os mais velhos ensinam baseados na memória e na vivência cotidiana.⁵ Além desta representação simbólica, os avós oferecem segurança, apoio emocional e referências de pertencimento às crianças.¹⁶⁻¹⁷

Estudo com 1.154 avós paquistanesas demonstra o envolvimento em ações de cuidado que colaboram positivamente no crescimento e desenvolvimento infantil nos primeiros dois anos de vida⁶. Resultados semelhantes são encontrados com brasileiros, chineses, malaios e indianos que identificam impacto positivo do cuidado promovido por avós como agentes primordiais na promoção do bem-estar infantil.^{13,18}

Neste trabalho, a transgeracionalidade é compreendida como o processo contínuo de transmissão de padrões, valores e práticas culturais entre gerações, no âmbito familiar e comunitário. Essa dinâmica orienta o modo de vida e fortalece a construção das identidades futuras.¹⁹ Ao situá-la na realidade quilombola, adota-se uma perspectiva ampliada que valoriza a oralidade como memória coletiva e a integração entre ecologia, cosmovisão e saberes tradicionais, reconhecendo a ancestralidade como eixo estruturante da vida comunitária.

Nesse contexto, o brincar destaca-se como uma das expressões mais significativas da transgeracionalidade. Mais do que entretenimento, constitui prática cultural carregada de significados, pela qual se compartilham experiências, se preservam saberes tradicionais e se fortalecem vínculos comunitários.^{8,16,20} Contudo, nas últimas décadas, observa-se a influência crescente de recursos digitais e virtuais, que têm modificado as formas de interação das crianças com o meio ambiente e colocado em risco a preservação dos sentidos originais do brincar livre, coletivo e em contato com a natureza.²⁰⁻²¹

Diante dessas transformações, os avós emergem como figuras centrais na mediação entre passado e presente, transmitindo às crianças ensinamentos sobre a vida, a natureza e a convivência comunitária. Entretanto, encontra-se escassez de estudos relacionados à relação entre meio ambiente e o brincar nas infâncias quilombolas. Assim, este estudo tem como questão norteadora: *quais são as percepções de avós quilombolas sobre a relação transgeracional entre meio ambiente e o brincar na infância?* Portanto, objetiva-se: descrever as percepções de avós quilombolas sobre a relação transgeracional entre meio ambiente e o brincar na infância.

Este estudo reconhece a transmissão de saberes entre gerações como forma de manutenção da identidade quilombola. Nesse sentido, os vínculos entre avós e netos são elo entre o passado e o presente, sendo protagonistas na educação infantil sobre os valores como: cuidados/respeito à natureza e à convivência comunitária.

MÉTODO

Delineamento do estudo

Estudo qualitativo, apresentado conforme Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ) e vinculado ao projeto matriz “Estratégias de enfrentamento da pandemia COVID- 19 em comunidades quilombolas”.

Local do estudo

Pesquisa desenvolvida em uma comunidade quilombola praieira, certificada pela Fundação Zumbi dos Palmares desde 2018, localizada na Baía de Todos os Santos no município de Salvador, Bahia, Brasil.

Participantes do estudo

Participantes selecionados intencionalmente, conforme critérios de inclusão: ter vivenciado a infância na comunidade quilombola; residir na comunidade quilombola; e possuir netos que também foram criados no Quilombo. Como critério de exclusão: apresentar déficits incapacitantes à comunicação verbal e à compreensão da pesquisa.

Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu em março de 2023, no domicílio dos participantes, por meio de roteiros de entrevistas semiestruturadas. Entre as proposições/questões norteadoras, destacam-se: *“Conte sobre sua infância e as brincadeiras que aconteciam aqui na comunidade”*; *“Como estão sendo as brincadeiras na infância dos seus netos?”*; e *“Como você percebe as brincadeiras de hoje em comparação com aquelas da sua infância?”*.

As entrevistas foram conduzidas pela primeira autora em companhia de três acadêmicos de enfermagem sob a supervisão de uma docente universitária treinadas para o desenvolvimento de estudos qualitativos em uma universidade pública. As perguntas foram adaptadas à linguagem dos participantes, para que expressassem suas experiências e percepções. Observou-se indícios de saturação dos dados a partir da 18ª entrevista, para confirmação da recorrência de informações e consolidação da saturação, outras quatro entrevistas foram realizadas.

No total, 29 pessoas foram convidadas para integrar o estudo, dentre elas, três pessoas recusaram participar e quatro não atendiam aos critérios estabelecidos. Nenhum convidado abandonou o estudo. Foram registrados 426 minutos de entrevistas e 16 registros em diário de campo (reflexões acerca das entrevistas realizadas), material que servia de apoio durante as análises e discussões em reuniões quinzenais.

Tratamento e análise dos dados

As entrevistas audiogravadas foram transcritas na íntegra preservam o vocabulário característico dos moradores da comunidade tradicional. A validação textual com os participantes ocorreu por meio da apresentação de um resumo dos principais pontos abordados.

Utilizou-se a técnica de análise de conteúdo temática proposta por Bardin²² nas etapas: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados e inferência. Na etapa 1 foi feita a leitura flutuante das entrevistas na íntegra, o que possibilitou a compreensão global do conteúdo e a formulação de hipóteses preliminares, com base nos elementos e significados dados ao brincar.

Na etapa 2, os dados foram submetidos ao processo de leitura e escuta (no mínimo cinco vezes) até a impregnação da memória das pesquisadoras para identificar unidades de sentido. Concomitantemente, as pesquisadoras registraram códigos e correlacionais que deram origem a um fluxograma de codificações. As

entrevistas foram importadas para o software NVivo versão 14, deram origem aos exertos que geraram a Figura 1:

brincava	ficar	muito	deixar	para	passa	minha	muda	pode	queria	violência	vizinhos				
			filho			acho	dentro	goiaba	gosta	feito	livre	manga	mato		
		netos		tinha	aqui										
	gente					amigos	dia	pega	seguro	também	vai	vivia	vontade		
		praia		coisas											
não		rua		celular		catando	divertida	poluição	achava	boa	cai	carnaval	comunicado	diferença	
					hora				ambiente	disso	escolas	estão	faz	feliz	
	agora		bola	hoje		causa	doente	pros							
					infância				ativo	dizia	foi	idade	ilha	joga	jover
		tem				cheiro	era	roda	atrapalheira	elétrica	fora	liberdade	mar	melhor	menor
	crianças		casa	meninos	meus				avó	energias	mal	meu	moradia		
						comigo	escondido	salvado	bananeira	sintoma	gripe	malda	mim	mudar	

Figura 1

Quadro temático-conceitual extraído das análises adaptado no NVivo. Salvador, Bahia, Brasil, 2023.

Autores, 2025

Ao final, identificou-se o surgimento de 82 códigos preliminares que representavam temas e expressões recorrentes, como: “Hoje não é mais assim”, “A infância das minhas filhas foi melhor”, “deixava eles à vontade”. Esses códigos foram reagrupados.

Na etapa 3, os dados codificados foram agrupados de acordo com a similaridade de conteúdo, que originou subtemas que foram reorganizados por convergência de sentido em temas centrais que sustentam cinco categorias temáticas. A validação do processo analítico envolveu discussões entre acadêmicas e duas doutoras em Enfermagem.

Aspectos éticos

Estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (parecer nº 6.713.972) e respeitou as recomendações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Por isto, a pesquisa foi realizada em local privativo, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido, explicado e assinado, assegurando os princípios éticos: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça. Para a garantia do anonimato, os nomes dos participantes foram substituídos pela letra A (avó/avô), seguido de um número arábico de um a 22.

RESULTADOS

Dos 22 avós, 18 eram mulheres e quatro homens. Todos se autodeclararam negros, dos quais 9 pardos e 13 pretos, com idades entre 46 e 69 anos. A nuvem de palavras sintetiza os termos mais falados pelos participantes (Figura 2):

[...] antes não tinha nada disso (de poluição, violência). A gente ficava à vontade. (A14)

Portanto, há contrastes entre o passado e os dias atuais, pois transformações no ambiente urbano e nas condições de segurança restringem essas vivências.

2) Transformações ambientais e sociais: impactos no brincar entre gerações

As percepções sobre as mudanças transgeracionais nos contextos de infância, especialmente, quanto às possibilidades de brincar destacam transformações ambientais (como a poluição do mar) e sociais (como o aumento da violência) que impactam na liberdade e segurança das crianças para brincar em espaços abertos.

[...] a infância das minhas filhas foi melhor, né? Agora os meninos têm que ficar um pouco mais preso por causa da violência. (A16)

Agora, eu acho que (o mar, o ambiente) tá poluído e isso atrapalha as crianças para brincar, para passear. (A4)

Pros meus netos já é diferente (o brincar, a vida na comunidade). Tem a tecnologia e só querem ficar no celular, ou tablet. Não brinca mais como a gente brincava não, na natureza. (A2)

É, mudou né, porque agora meu neto fica mais dentro de casa, meus filhos também não ficavam muito na rua também, por causa da violência, as coisas mudaram com o passar do tempo. (A3)

Assim, há influência crescente da tecnologia e o consequente afastamento das brincadeiras ao ar livre, anteriormente marcadas pela interação com a natureza e a vida comunitária.

3) Riscos de adoecimento ao brincar no ambiente poluído

A percepção dos avós é que o ambiente poluído representa um risco concreto à saúde das crianças durante as brincadeiras cotidianas, como expressam as falas abaixo:

Achava aqui mais seguro antes, não tinha essa poluição que tem agora, né? Toda hora as crianças ficam doente, é toda hora uma gripe, toda hora essas viroses que tem aí. (A14)

[...] não... não acho mais seguro pros meus netos não, assim, porque esse cheiro (cheiro do gás) assim é muito ativo, aí prejudica as crianças. Já não pode deixar brincando aí. (A15)

As crianças brincam na porta de casa, que a vala passa (esgoto), a bola cai, eles vão e pegam a bola. Pega a bola suja, vai brincar de novo. E isso faz muito mal, podem ficar doente. (A5)

O quilombo está marcado por mudanças ambientais e aumento da exposição a agentes nocivos (poluentes) que impactam no bem-estar infantil. As infecções respiratórias e viroses frequentes são citadas como evidências do adoecimento associado ao brincar em espaços degradados, demonstrando a insegurança que famílias sentem ao permitir que crianças usufruam do ambiente externo.

4) O brincar através das gerações: permanências e rupturas

Há um processo de transformação nas práticas lúdicas ao longo das gerações, marcado por permanências simbólicas e rupturas

significativas. Os relatos destacam que, no passado, o brincar estava fortemente associado à interação com o espaço público, à coletividade e à criatividade sem a mediação de tecnologias. As atividades como roda, esconde-esconde e outras brincadeiras de rua eram valorizadas como momentos de liberdade e socialização.

A gente brincava de roda, esconde -esconde... não é como agora. A gente não tinha celular. A gente não tinha energia (elétrica). Brincava na rua com outras crianças. (A3)

Hoje os meninos não brincam de roda, de se esconder e hoje as coisas do jeito que tá, a gente não tem confiança de deixar (brincando fora de casa). Eu não deixaria minha neta brincar na rua com meninos da mesma idade dela, porque a televisão e o celular estão ensinando muita coisa ruim para esses jovens, maldade. (A20)

Se divertia, se divertia, deixava eles à vontade (brincando) na rua. Hoje em dia não é mais como antes. Eles ficam é no celular. (A9)

Que aqui (na ilha) tem essa liberdade assim da criança brincar na rua com os vizinhos, os amigos e lá ele não pode. Lá em Salvador. (A2)

Identifica-se uma ruptura nas formas de brincar, atribuída à insegurança urbana, à influência das tecnologias digitais e às mudanças no estilo de vida das famílias. O brincar ao ar livre foi substituído, em parte, pelo uso de celulares e tablets, o que gera preocupação quanto à qualidade das experiências infantis e à formação de vínculos sociais. Ainda assim, a ilha aparece como reduto onde práticas tradicionais de brincar persistem, indicando que, embora transformado, o brincar mantém elementos de continuidade quando o contexto o permite.

5) Brincar como instrumento de aproximação entre as gerações

O brincar é um elo afetivo transgeracionais, pois, através dele, avós e crianças estreitam laços afetivos e transmitem valores relacionados à autonomia, ao lazer e à convivência ao compartilhar brincadeiras, tempo de qualidade e liberdade para explorar o ambiente.

[...] mas elas ficam aqui comigo, passaram o carnaval todo, não queria ir nem mais pra casa. A gente ficou brincando, praia, o dia todo, a minha netinha essa aí “Vovô praia, praia”. (A7)

Eu tenho um neto que tá morando comigo que é o mesmo que o avô, que gosta de bola, que é o filho dela, que joga muita bola. (A11)

É, e aí quando ela teve o filho dela, ela (filha) queria proteger ele demais, aí quando ela saía para ir para salvador, eu soltava o menino (neto), dizia vai brincar, seja feliz. Por isso ele gosta de mim, deixo ele livre. (A9)

Ademais, o brincar surge não apenas como um ato lúdico, mas como expressão de cuidado transgeracional que fortalece vínculos familiares e afetivos. Isto posto, é possível inferir a importância da preservação ambiental para a sustentabilidade dos laços transgeracionais quilombolas.

DISCUSSÃO

As experiências de infância vinculadas ao território, à liberdade e ao cuidado coletivo têm sido transformadas ao longo dos anos. Na perspectiva daqueles que detêm memórias e práticas culturais - os avós, o brincar na natureza, embora seja benéfico ao desenvolvimento infantil, na atualidade sofre mudanças significativas que influenciam nas formas de brincar. São elementos influenciadores dessas mudanças: a perda de espaços livres e seguros; o aumento da poluição e da violência; e o acesso crescente a tecnologias digitais no cotidiano infantil.

Segundo este estudo, no passado, o meio ambiente não era apenas cenário, mas elemento estruturante do brincar e da socialização infantil. Essa experiência dialoga com estudiosos que destacam a relação com o território como eixo central para a construção de vínculos afetivos, comunitários e identitários em grupos quilombolas.^{4,8,23} Aqui, configurando-se uma crítica às transformações socioambientais que limitaram a autonomia infantil e reduziram a qualidade das experiências lúdicas.

As transformações ocorridas têm impactado no modo de viver das crianças no território, consecutivamente, a poluição, a violência e a tecnologia são apontadas como barreiras e causas de mudanças nas formas de brincar. Realidade similar à constatada em estudo realizado em comunidade quilombola localizada em Degredo, no Espírito Santo, que revela como a poluição marítima afeta o modo de vida local e restringe o uso de áreas tradicionalmente voltadas para atividades coletivas.³

Semelhantemente, a percepção de pessoas adultas sobre a falta de segurança pública, configurada pela presença de práticas que convergem para a violência urbana, acontecimento de crimes na comunidade, uso/abuso de substâncias. Estes elementos são responsáveis por induzir a família a reduzir o tempo que crianças passam brincando ao ar livre, pois, sabe-se que, em situações em que os adultos não se sentem seguros, a permissão e o encorajamento ao brincar coletivo tendem a diminuir.²⁴

Neste contexto, a tecnologia surge como substituto do brincar ao ar livre, porém, é fator adicional de restrição à saúde no brincar. O uso frequente de dispositivos digitais reduz o tempo de brincadeira ao ar livre e enfraquece interações presenciais, levando à substituição de atividades coletivas e em contato com a natureza por experiências mediadas por telas, como aduz estudo desenvolvido com crianças na Suécia e em outros contextos brasileiros.^{20,25}

Este estudo identifica que, atualmente, as brincadeiras infantis no meio ambiente são limitadas por pessoas adultas pelo medo do adoecimento, em meio decorrência da poluição atmosférica e de

esgotamento sanitário ao ar livre. Corroboram estudos que evidenciam riscos à saúde infantil associados à exposição a ambientes com atmosfera poluída antes e após o nascimento, com consequente aumento do risco de contrair doenças respiratórias infecciosas.²⁶⁻²⁷

Soma-se a esta situação que a contaminação da água e a falta de saneamento básico contribuem para o incremento da morbimortalidade infantil,²⁷ o que representa a presença de riscos concretos à saúde de crianças. Logo, observa-se que os riscos físicos impostos pela poluição se somam a desafios emocionais e sociais, ou seja, o afastamento das crianças do ambiente natural é agravado pelo uso crescente de dispositivos digitais, que substituem atividades ao ar livre por experiências mediadas por telas.

As consequências impostas pelas limitações vividas nessa comunidade são evidenciadas pelas mudanças nas práticas sociais que ultrapassam a substituição de brincadeiras tradicionais por atividades mediadas por tecnologia. O deslocamento do brincar para o ambiente doméstico e digital reduz os contatos coletivos e ambientais, empobrece experiências de aprendizagem e fragiliza a transmissão cultural simbólica,^{4,12} ou seja, pode reduzir a capacidade criativa e conexão com o mundo ao redor.

Em comunidades nas quais o território constitui a base da identidade e da vida coletiva, as transformações ambientais e sociais aprofundam vulnerabilidades históricas e ameaçam a continuidade de saberes e práticas culturais, dificultando a sobrevivência de grupos tradicionais devido aos possíveis impactos na sustentabilidade da comunidade.¹¹ A limitação do contato livre com o espaço territorial enfraquece o sentimento de pertencimento, pois, fragiliza as representações culturais, históricas e sociais que sustentam a existência/resistência quilombola.

Essa ruptura dialoga com estudos que apontam o território como dimensão simbólica e política da memória coletiva, cuja perda implica riscos à preservação de tradições e identidades.¹³⁻¹⁴ No caso da infância negra, esse processo assume contornos ainda mais críticos, uma vez que historicamente é atravessada por desigualdades, violência ambiental e exclusão territorial, reforça a necessidade de compreender o brincar não apenas como prática lúdica, mas também como espaço de resistência, de transmissão cultural e de afirmação identitária.^{2,4}

Neste estudo, a liberdade oferecida pelos avós nas brincadeiras reforça a confiança, o vínculo afetivo, permite que a criança explore o território e sua autonomia. Tal dinâmica remete à perspectiva da afrocentralidade, em que os mais velhos são reconhecidos como detentores de saberes, e o ato de brincar se torna um canal de transmissão de valores, histórias e práticas culturais que sustentam a identidade coletiva.^{3,13-14}

Tais achados dialogam com estudos que demonstram a relevância das interações transgeracionais no desenvolvimento infantil. Pesquisas realizadas no Paquistão e na Malásia apontam que o envolvimento ativo dos avós está associado a ganhos no desenvolvimento cognitivo, socioemocional e nas habilidades sociais das crianças, evidenciando que a presença dos avós não se limita ao apoio material, mas se estende à dimensão simbólica e afetiva do cuidado.^{6,14} A mediação do brincar nas relações avós-netos fortalecem laços familiares e comunitários, ao mesmo tempo em que promovem a autonomia infantil e a perpetuação da cultura quilombola na memória coletiva.^{13,17-18}

Este estudo limita-se a abordar um grupo singular de avós quilombolas, com predominância de mulheres. No entanto, recorreu a um método de pesquisa estabelecido, rigoroso, que possibilitou garantir um retrato fiel da realidade. Por fim, sugere-se a utilização de outros métodos qualitativos, ou outros grupos populacionais (da mesma região, ou em regiões diferentes) com a finalidade de comparação, confirmação e/ou aprofundamento dos resultados apresentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre o brincar e o contato com a natureza como parte fundamental do desenvolvimento infantil e dos cuidados com esse território. Co-existem continuidades afetivas e rupturas significativas nas formas de brincar; a perda de espaços livres e seguros; a presença da poluição, da violência e do uso crescente de tecnologias digitais no cotidiano infantil.

Para as crianças negras quilombolas, essas mudanças assumem contornos desiguais, uma vez que os efeitos da violência ambiental, urbana e simbólica se associam às dimensões estruturais do racismo, o que afeta seu crescimento, desenvolvimento e bem-estar. Ao mesmo tempo, o estudo evidencia que os saberes transmitidos por avós, mantêm a aproximação com o território, com a natureza e com formas de brincar que fortalecem vínculos sociais e emocionais.

Nesse cenário, o brincar não é somente prática lúdica, mas um direito e um marcador de desigualdades, cuja promoção exige políticas públicas integradas, sensíveis à diversidade cultural e à infância negra. Valorizar o brincar é também reconhecer e proteger as múltiplas infâncias e suas formas de existir, resistir e crescer.

Este estudo contribui ao conferir visibilidade aos grupamentos quilombolas, pois, salienta a relevância do território e da natureza nas práticas lúdicas infantis. Ao evidenciar como as transformações socioambientais impactam a infância, o trabalho dá luz a problemas que afetam o desenvolvimento das crianças e a transmissão da cultura

quilombola; elementos que podem influenciar na formulação de políticas públicas equânimes.

PREVIEW VERSION

REFERÊNCIAS

1. Lee F, Bula A, Chapola J, et al. Experiências de mulheres em um programa de prevenção de câncer cervical baseado na comunidade na zona rural de Malawi: um estudo qualitativo. *BMC Cancer*. [Internet]. 2021 [acesso em 15 março 2024];(428). Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/mmj/article/view/160334>.
2. Araújo EN, Barbosa AC, Silva ALF, Campos JAPC. Prevenção do câncer do colo do útero na visão do enfermeiro da unidade básica de saúde. *Rev Eletrônica UNIVAR*. [Internet]. 2014 [acesso em 23 outubro 2023];1(11). Disponível em: <http://revista.univer.edu.br>.
3. Giuliano AR, Lee JH, Fulp W, et al. Incidence and clearance of genital human papillomavirus infection in men (HIM): a cohort study. *Lancet*. [Internet]. 2011 [cited 2023 oct 12];377. Available from: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21367446>.
4. Aggarwal P. Câncer do colo do útero: pode ser prevenido? *World J Clin Oncol*. [Internet]. 2014 [acesso em 15 março 2024];5(4). Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25302177/>.
5. Nakagawa JT, Espinosa MM, Barbieri M, Schirmer J. Carcinoma do colo do útero: taxa de sobrevida e fatores prognósticos em mulheres no estado de Mato Grosso. *Acta Paul Enferm*. [Internet]. 2024 [acesso em 3 novembro 2024];24(5). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ape/v24n5/06v24n5.pdf>.
6. Favaro CRP. Perfil epidemiológico de mulheres com câncer de colo do útero atendidas em hospital do interior paulista [dissertação]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2017. [acesso em 3 novembro 2024]. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/22/22133/tde-04052017-162425/publico/CAROLINERIBEIROPEREIRAFAVARO.pdf>.
7. Malta DC, Silva JB. O plano de ações estratégicas para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis no Brasil e a definição das metas globais até 2025: uma revisão. *Epidemiol Serv Saúde*. [Internet]. 2013 [acesso em 5 novembro 2024];22(1). Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v22n1/v22n1a16.pdf>.
8. Mascarello KC, Zandonade E, Amorim MHC. Survival analysis of women with cervical cancer treated at a referral hospital for oncology in Espírito Santo State. *Cad Saúde Pública*. [Internet]. 2013 [cited 2023 oct 12];29(4). Available from: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2013000400019>.
9. Sankaranarayanan R, Esmey PO, Rajkumar R, Muwonge R, Swaminathan R, Shanthakumari S, et al. Efeito da triagem visual na incidência e mortalidade do câncer do colo do útero em Tamil Nadu, Índia: um

- estudo randomizado por cluster. *Lancet*. [Internet]. 2007 [acesso em 10 novembro 2024];370(9585). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(07\)61195-7/abstract](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(07)61195-7/abstract).
10. Ministério da Saúde (BR), Instituto Nacional de Câncer. Câncer de colo do útero: prevenção e tratamento. [Internet]. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; 2019 [acesso em 10 junho 2024]. Disponível em: <https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/tipos/colo-do-utero>.
 11. Ministério da Saúde (BR), Instituto Nacional de Câncer. Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. [Internet]. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; 2022 [acesso em 14 junho 2023]. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/publicacoes/livros/estimativa-2023-incidencia-de-cancer-no-brasil>.
 12. Ministério da Saúde (BR), Instituto Nacional de Câncer. Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil. [Internet]. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; 2016 [acesso em 29 outubro 2024]. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/estimativa-2016-v11.pdf>.
 13. Sales LKO. Estudo da sobrevida e fatores prognósticos em mulheres com câncer do colo do útero [dissertação]. Mossoró (RN): Universidade do Estado do Rio Grande do Norte; 2015. [acesso em 29 outubro 2024]. Disponível em: https://www.uern.br/controladepaginas/ppgss-alunos-regulares-2013/arquivos/2858linda_katia_oliveira_sales.pdf.
 14. Sepúlveda PV, Fernando GC, Cayetano NR, et al. Câncer de cuello uterino: sobrevida a 3 y 5 años en hospital San José. *Rev Chil Obstet Ginecol*. [Internet]. 2008 [cited 2024 nov 5];73(3):151-154. Available from: <http://www.scielo.cl/pdf/rhog/v73n3/art03.pdf>.
 15. Pardo C, Cendales R. Supervivencia de pacientes con cáncer de cuello uterino tratadas en el Instituto Nacional de Cancerología. *Biomédica*. [Internet]. 2009 [cited 2024 nov 7];29(3). Available from: <http://www.scielo.org.co/pdf/bio/v29n3/v29n3a12.pdf>.
 16. Luna F, Salazar ME, Rios PE, et al. Prognostic factors related to cervical cancer survival in Mexican women. *Int J Gynecol Obstet*. [Internet]. 2001 [cited 2024 nov 12];75(1). Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11597617>.
 17. Thuler LCS, Bergmann A, Casado L. Perfil das pacientes com câncer do colo do útero no Brasil, 2000-2009: estudo de base secundária. *Rev Bras Cancerol*. [Internet]. 2012 [acesso em 10 novembro 2024];58(3). Disponível em: http://www1.inca.gov.br/rbc/n_58/v03/pdf/

04_artigo_perfil_pacientes_cancer_colo_uterio_brasil_2000_2009_e
studo_base_secundaria.pdf.

18. Ferraz RS. Sobrevida de mulheres com câncer de colo do útero: estudo de coorte retrospectiva. Cad Saúde Pública. [Internet]. 2017 [acesso em 27 maio 2025];33(8). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/7f5knnc9P7frWFKL3YMGbZd>.
19. Vianna FSL. Sobrevida de mulheres com câncer do colo do útero: uma análise de base populacional. Rev Bras Cancerol. [Internet]. 2011 [acesso em 27 maio 2025];57(3). Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21584344>.
20. Costa FAA. Fatores associados à sobrevida de mulheres com câncer do colo do útero em municípios da Amazônia Legal. Rev Bras Epidemiol. [Internet]. 2022 [acesso em 27 maio 2025];25(1). Disponível em: <https://www.scielo.org/article/rbepid/2022.v25suppl1/e22007>.

Notas de autor

Naisslasimoes7@gmail.com

Información adicional

redalyc-journal-id: 5057



Disponible en:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505783104022>

Cómo citar el artículo

Número completo

Más información del artículo

Página de la revista en redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc
Red de revistas científicas de Acceso Abierto diamante
Infraestructura abierta no comercial propiedad de la
academia

Naísia Simões de Oliveira, Marimeire Morais da Conceição,
Claudia Nery Teixeira Palombo, Matheus Teixeira Gonçalves,
Climene Laura de Camargo, Maria Carolina Ortiz Whitaker
**Relação transgeracional entre meio ambiente e o brincar
na infância: percepções de avós quilombolas**

Transgenerational relationship between the environment and
childhood play: perceptions of quilombola grandparents
Relación transgeneracional entre el medio ambiente y el juego en
la infancia: percepciones de los abuelos quilombolas

Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online
vol. 18, e-14337, 2026
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
rpcfo@unirio.br

ISSN-E: 2175-5361

DOI: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v18.14337>



CC BY-NC-SA 4.0 LEGAL CODE

**Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-
CompartirIgual 4.0 Internacional.**